



O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO PÓS PANDEMIA: percepções e estratégias emergentes

Reginaldo A. SILVA¹

RESUMO

Durante o período pandêmico, surgiram diversos desafios educacionais e incertezas sobre o futuro da educação. Apesar das dificuldades e do impacto negativo causado pela pandemia, houve uma oportunidade para aprimorar as práticas pedagógicas. A educação inclusiva enfrentou obstáculos adicionais, e é importante reconhecer que o déficit educacional de alunos, já existia antes da covid-19. Este trabalho, um estudo de caso, indaga se as ações, pedagógicas, inclusivas e comunicacionais, durante a pandemia, foram realmente eficazes e reflete sobre a formação (continuada) docente, antes e pós pandemia. A relação entre família e escola é fundamental, sendo responsabilidade dos pais orientar e educar seus filhos para seu pleno desenvolvimento. À escola cabe garantir o acesso ao conhecimento, proporcionando um ambiente de formação e informação que promova o desenvolvimento social e o exercício pleno da cidadania democrática, inclusiva e menos excludente.

Palavras-chave: Covid-19; Ensino Remoto; Família-Escola; Educação Inclusiva; Professor de Apoio.

1. INTRODUÇÃO

É fato que o período pandêmico trouxe muitos desafios educacionais e uma gama de incertezas quanto à “o que virá depois disso?”, “como a educação se comportará?”. Embora o período marque um triste histórico e deixa uma sombra de acontecimentos que estão longe de serem esquecidos, de modo geral, houve (ou não) uma revolução e um aperfeiçoamento nas práticas pedagógicas. É de extrema importância ressaltar que o período pandêmico pode soar, para uma grande maioria, como um dificultador, um período de atraso ou de perdas significativas, principalmente quando se trata da educação inclusiva. Porém, embora haja um fragmento de culpa em desfavor da educação inclusiva, de modo geral, o déficit educacional já permeia há muito mais tempo. A relação família-escola é primordial. É dever e responsabilidade da família o disciplinar e condução do filho ao aprendizado educacional para o seu pleno desenvolvimento (BRASIL, 1990). À escola, cabe garantir o acesso aos saberes e, como espaço de formação e informação, favorecer o desenvolvimento social e o pleno exercício da cidadania democrática e não excludente (BRASIL, 1997). Mesmo com esses princípios básicos, a (in)disciplina da família muito contribui(u) ao (des)compasso educacional dos filhos-alunos.

O pós pandemia revelou um cenário político e familiar, que já caminhava na debilidade. Antes dela, o aluno já não temia em passar pela experiência do “repetir de ano”, o popularmente “tomar bomba”. Não tinha motivação em melhorar o seu envolvimento, no momento, com as atividades escolares, haja vista não mais haver a reprovação, com isso subentende-se que haverá um

¹Professor e Tradutor-Intérprete de Língua brasileira de sinais – Libras, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: reginaldo.silva@ifsuldeminas.edu.br.

compromisso, ainda que tarde, com os estudos (GLÓRIA, 2003; ALMEIDA; ALVES, 2021). Agora, reformulada as questões, de modo a não causar um trauma por ter que permanecer mais um ano na escola, o aluno fica em “dependência” ou tem uma “progressão parcial”.

E a educação inclusiva? Sem generalizar, o déficit educacional desse público-alvo, aponta que, infelizmente, educadores e professores de apoio não levaram em conta a elaboração de atividades didático-pedagógicas ativas que favorecesse o processo cognitivo do aluno, durante a prática dos estudos e da execução das atividades com autonomia (MELO, 2022). O “fazer” por eles, o capacitismo em ação, torna evidente e presente, o (des)apoio educacional, pois não demanda de uma densa ação metodológica e/ou didática para tal.

Moran (2017) enfatiza que as atividades educacionais devem ser bem elaboradas, atualizadas, acessíveis e interessantes, de modo que possibilite ao educador selecionar recursos didáticos diferenciados e lançar mão de recursos visuais – pensando na diversidade socio-comunicacional dos alunos – que possam ser utilizados durante a prática em sala de aula, seja ela remota ou presencial. Ao lançar mão de diversas ferramentas, tais como: ilustrações, o conto de histórias, roteiros de aprendizagem, entre outros, o educador se apresentará como ativo e participe do desenvolvimento cognitivo dos seus alunos. “Existem dois tipos de professores: os que precisam ser mais monitorados e seguem mais fielmente roteiros e guias feitos por especialistas e os que utilizam esses materiais como ponto de partida para uma reelaboração criativa e personalizada” (MORAN, 2013, p. 35; MELO, 2022). A partir das percepções e inquietações, com base na coleta de dados, este trabalho leva-nos a indagar se as ações, pedagógicas, inclusivas e comunicacionais, foram realmente eficazes e refletir sobre a formação (continuada) docente, antes e pós pandemia.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Com base nas observações realizadas, este trabalho encontra-se à luz de Yin (2001), com abordagem qualitativa que emprega o estudo de caso como uma metodologia, como investigação empírica, pois esse método abrange planejamento, usa técnicas específicas para a coleta de dados e análises dos fatos.

Após o retorno das atividades escolares presenciais, as análises ocorre(ram) a partir do primeiro semestre letivo de 2022. A coleta de dados ocorreu via histórico educacional, somadas ao atendimento educacional especializado, realizado pelo Napne do Campus Inconfidentes. Nessa, foi possível levantar hipóteses sobre como o apoio do AEE – antes, durante e pós pandemia – lida(ram) com os atendimentos e quais estratégias acessíveis e didáticas pedagógicas realiza(ram). As percepções e inquietações, com base na coleta de dados, leva-nos a indagar sobre se essas ações foram realmente eficazes, haja vista a visibilidade dos déficits nos resultados das atividades apresentados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não é recente que as pessoas com deficiência recebam um tipo de ajuda filantrópica. Ao longo da História, em especial no período de integração das PcD na sociedade, o capacitismo tornou-se o meio mais rápido de adiantar aquilo que poderia atrasar ou protelar uma atividade. Não oportunizar à pessoa os meios de produzir conhecimento, de modo autônomo, e não garantir a sua acessibilidade, é tirar o seu direito de escolha criando obstáculos ao seu desenvolvimento socioeducacional. Tais obstáculos à escolarização de qualidade e inclusiva, não prioriza o desenvolvimento sociocognitivo do sujeito. Pelo contrário, se tudo for dado de “bandeja”, como se observou nas análises, e agora mais ainda no pós pandemia, o resultado obtido será aquilo que já se encontrava camuflado: a desmotivação de estudar ou o mínimo de esforço para pensar e produzir.

Dessa forma, são inúmeras as inquietações e indagações, como por exemplo: os professores já não sabiam lidar com os conteúdos e planos de aula antes da pandemia? Não é a sua formação pedagógica (ou não) que, com a didática cria metodologias ativas de modo a produzir, introduzir, aplicar e consolidar, suas atividades? É sabido que a formação de base é inconsistente, do ponto de vista da educação inclusiva, porém, é no pós pandemia, que temos a revelação de quem realmente lidava pedagogicamente ou não com o ensino de qualidade. Por que levantou-se essas hipóteses? Que razões nos levam a crer que o apoio não foi o de mediação mas sim o de subestimar a capacidade e aptidão do sujeito?

5. CONCLUSÃO

Mesmo com os contratempos socioculturais da família, da escola e do sistema durante a pandemia, mesmo com as demandas emergentes, no contexto do ensino remoto, com as intempéries tecnológicas e urgências de fazer aquilo nunca feito antes, como por exemplo, acessar as plataformas digitais para manter o ensino e evitar evasões, ainda sim a formação docente já se encontrava, havia uma base educacional já aprendida. Embora haja uma parcela de culpa da pandemia, nessas questões educacionais, a formação pedagógica deve se manter em constante ajustes, pois o aprender não deve se tornar obsoleto. Estando ou não no ensino remoto, o educador deve proporcionar, com base em sua didática, um ensino de qualidade, democrático e inclusivo.

Portanto, visto que o ensino deve ser para todos e independentemente da formação docente, a ação pedagógica, não capacitista, deve priorizar o ensino com o comprometimento de transformar a realidade da educação e o compromisso essencial, a força motivacional que inclui todas as diferenças e respeita as singularidades de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A.; ALVES, M. T. G. A cultura da reprovação em escolas organizadas por ciclos. **Rev. Bras. Educ.** n. 26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260006>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 04 jul. 2023.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

GLÓRIA, D. M. A. A “escola dos que passam sem saber”: a prática da não-retenção escolar na narrativa de alunos e familiares. **Rev. Bras. Educ.** n. 22, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260006>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MELO, H. S. **Docência e Ensino remoto emergencial:** Aplicação das metodologias ativas como meio interativo no ensino-aprendizagem em Literatura, durante a pandemia da Covid-19. 2022. 183f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Mestrado profissional em Letras, Araguaína, 2022. Disponível: <http://umbu.uft.edu.br/handle/11612/4341>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. *In:* MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2017.

SANTOS, V. O. **O Atendimento educacional especializado durante a pandemia de COVID-19:** atuação do professor de apoio. 2022. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5494>. Acesso em: 04 jul. 2023.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.